

O Caminho de Casa

Talvez as viagens, todas as viagens, se façam principalmente pelo lado de dentro. Talvez, quem sabe?, o viajante procurando um mundo, caminhe sempre de regresso a casa.

Porque tudo o que viajante deixou atrás de si o segue. A casa é a sombra do viajante. Ele próprio é, provavelmente, apenas a sua sombra.

Quem isto não alcançar nunca entenderá coisas elementares: o alvoroço de, em terra estranha, e ao acaso das ruas, subitamente escutarmos a nossa língua, ou depararmos com um nome familiar num jornal, a alegria cúmplice de um rosto vagamente conhecido vislumbrado num aeroporto ou num *lobby* de hotel, o quente conforto da voz dos filhos no telefonema de longa distância, à noite, antes de adormecermos.

O melhor bacalhau com natas da minha vida comi-o há muitos anos em Tóquio num restaurante chamado «Nazareth», e não terá certamente sido (de certeza que não foi) em razão da excelência da cozinheira ou dos condimentos, mas porque, ao fim de muitas semanas de solidão, ele soube inesperadamente, como nenhum outro antes me soubera (e eu nem gosto por aí além de bacalhau com natas...), a casa. Por outro lado, não sendo grande (nem, para dizer a verdade, sequer pequeno) amador de fado, já dei comigo envergonhadamente emocionado com o Nuno da Câmara Pereira cantando, em Paris, para uma de desencontrada multidão de turistas; e, num sujo bar Filipinho de Seul, com um melancólico disco de Amália tocado numa *jukebox* inenarrável. Uma vez, em Santiago, tentei até — porque falo agora nestas coisas? — ensinar a «Canção do Mar» a Natasha e Gaia (Galia ia-a traduzindo penosamente para russo, anotando tudo, palavra a palavra, num pequeno caderno de capa as castanhas; a minha confusa e fragmentária memória daquela canção está hoje guardada algures em Yekaterinburg, no caderninho de capas castanhas de Galia).

Nos mais desencontrados sítios do mundo dirigi-me a desconhecidos, e eles dirigiram-se-me, e conversei e fiz amizade com homens e com mulheres só por todos sermos, uns e outros, portugueses, que é coisa que não se sabe o que significa, nem que lugar do coração habita, senão depois de termos passado a fronteira e de (uma fronteira é talvez justamente isso, a linha, o momento terrível que nos separa de nós mesmos) nos sentirmos, sem motivo, subitamente sozinhos. No Metropol, em Berlim, encontrei Helena; numa cabine telefónica de Southampton Road, em Londres, Francisco; e, um pouco por toda a parte, dispersos e fugazes emigrantes como o empregado de limpeza de Anchorage, o ourives de Bordéus ou o motorista de táxi de Oslo, que por momentos falaram comigo, ouvindo-se, apenas por eu ser como eles português e falando, em mim, um pouco também consigo próprios e com as suas recordações, antes de, de novo, todos nos pertermos fora de nós.

Talvez quem um dia partiu esteja, afinal, ainda a porta de casa, hesitante, acenando. Ou talvez ninguém verdadeiramente parta, e fique parado para sempre ao fundo da rua, voltando-se para trás. Ou então talvez as viagens, todas as viagens, sejam um longo caminho para regressarmos a algum lugar interior essencial de onde não se pode sair.

Manuel António Pina

Tempos livres, n.º 74 junho 1997